

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS

Bethânia Martins Souto

VALE A PENA VER DE NOVO
A telenovela *Escrava Isaura* e a Representação da Escravidão no Brasil

Anápolis, GO
2009

Bethânia Martins Souto

VALE A PENA VER DE NOVO
A telenovela *Escrava Isaura* e a Representação da Escravidão no Brasil

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas, como requisito final para conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sônia Lobo

Anápolis, GO
2009

VALE A PENA VER DE NOVO
A telenovela *Escrava Isaura* e a Representação da Escravidão no Brasil

Bethânia Martins Souto

Monografia defendida e aprovada, em 17/12/2009, pela banca examinadora:

Profª Drª Sônia Aparecida Lobo
Orientadora

Profª Msc Roseli Martins Tristão Maciel
Arguidora

Ao meu Deus que me deu força, coragem e determinação para alcançar este objetivo tão esperado.

A minha mãezinha, que nas longas noites de trabalho me proporcionava o conforto e a autoconfiança.

Ao meu pai, Carlos Roberto Souto, que com muito carinho legou-me a perseverança na luta por um mundo mais humano.

As minhas avós, mulheres guerreiras que com seus exemplos me proporcionaram um profundo carinho, admiração e respeito.

Ao meu irmão, e as minhas queridas e lindíssimas amigas, para quem almejo um mundo cuja alma seja a esperança e a solidariedade sempre!

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que acreditaram no meu potencial e que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho. Aos professores que me auxiliaram durante esses anos, o meu muito obrigado!

A minha professora e orientadora Sônia Lobo, que me aconselhava e me acalmava nos meus dias de desesperos e nervosismos. Obrigado pelo aprendizado, apoio e paciência, pois sem a sua intervenção, nada disso seria possível.

Aos amigos de sala de aula que durante quatro anos fizeram parte da minha vida, me proporcionando momentos de muita alegria, dos quais sentirei eternas saudades.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	12
A ESCRAVIDÃO.....	12
1 SER ESCRAVO.....	16
2 SER ESCRAVA.....	22
CAPÍTULO II.....	26
AS TELENVELAS.....	26
1 O PAPEL DAS TELENVELAS	33
CAPÍTULO III.....	36
A TELENVELA ESCRAVA ISAURA.....	36
1 A OBRA.....	38
2 O ENREDO DA NOVELA.....	39
3 A PERSONAGEM ESCRAVA ISAURA.....	40
4 UMA BREVE ANÁLISE DA TELENVELA.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

*O temor do **SENHOR** é o princípio da sabedoria, e
a ciência do Santo, a prudência.*
Provérbios 9:10

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar a relação de fidelidade e ficção no processo de transposição do fato histórico- sociedade escravocrata, na teledramaturgia *Escrava Isaura*. A história gravada em imagens detém de um enorme poder, pois permite que a perpetuação das fantasias ocorra facilmente. No entanto muitas “representações históricas” transmitem informações deturpadas do passado. Muitas vezes, em vez de informar corretamente, elege, perpetua fantasias e aumenta os preconceitos. Contudo, a pesquisa a ser desenvolvida, busca colaborar para a melhor compreensão da questão pleiteada, ao colocar em pauta a telenovela *Escrava Isaura* e essa representação da realidade histórica da escravidão.

Palavras-chave: Escravidão – Telenovela – Escrava Isaura

INTRODUÇÃO

O ensino de História do Brasil está associado, inegavelmente à construção da identidade nacional. A constituição desta se perpetuou ao longo de vários momentos da história passando desde o Brasil pré-colonial até os dias atuais. A obrigatoriedade do ensino de História do Brasil tem como objetivo explícito político contribuir para a construção de um Brasil como uma nação. Exaltando sempre os heróis brancos, as festas cívicas, e as festas religiosas católicas é que ensinam a História patriótica, tratando não de uma história brasileira, mas escrita somente para e por um determinado grupo.

Excluindo assim alguns autores da História, deixando de lado os “esquecidos” e quando estes são arduamente lembrados são descritos de maneira errônea e preconceituosa. É o caso dos indígenas, imigrantes e negros como diversos outros grupos que são colocados na História do Brasil como coadjuvantes da constituição da nação. A idéia de um povo homogêneo com um passado único se consolidou através do mito da democracia racial e foi criada para fundamentar a homogeneização cultural e omitir as diferenças e as inúmeras desigualdades sociais.

A partir deste conflituoso assunto é que proponho discutir acerca desta falsa ideologia de igualdade. Trata-se então, não de pensar em uma história sem conflitos e igualitária, mas de abrir os caminhos para a discussão e ressaltar as diferenças. Dentro deste contexto é que propus abordar a escravidão negra no Brasil.

A escravidão negra no Brasil foi retratada por alguns intelectuais (como Gilberto Freyre e toda sua geração) como uma escravidão patriarcal. Cujo negro possuía um papel importante dentro do sistema, indo além das relações comerciais e exploradoras. Mas adentrando à “Casa Grande”, e convivendo de forma amigável, afetiva e patriarcal com seus senhores. Tal pensamento possibilita a ascensão do mito da democracia racial.

Tal teoria se enraizou dentro da sociedade brasileira adentrando nas escolas, igrejas e principalmente nos meios de comunicações. Pois este é um importante meio de informação histórica, onde na maioria das vezes são retratadas de forma deturpada, mesclando a realidade e a ficção. Para exemplificar tal característica é que foi feita a seleção da telenovela *Escrava Isaura*, como objeto de análise desse trabalho.

A escolha desta novela para ilustrar tal análise social, surgiu após verificarmos a importância deste romance para a sociedade brasileira, sendo escrita por Bernardo Guimarães em 1875 e posteriormente adaptada para a televisão do Brasil e do Mundo. A Telenovela *Escrava Isaura* foi um marco na televisão brasileira. Sendo apresentada mais de cinco vezes em horários nobres e tendo viajado por mais de cem países.

Desta forma o presente trabalho tem por finalidade analisar a relação de fidelidade e ficção no processo de transposição do fato histórico- sociedade escravocrata, na teledramaturgia *Escrava Isaura*.

Ao lado do estudo bibliográfico da escravidão e da telenovela, vem o estudo da novela selecionada, buscando os fundamentos na relação teoria e prática. Como método de análise, procurei elaborar o mapa da novela identificando a trama, os personagens com destaque para a protagonista, e suas respectivas identidades e destinos ao longo da história.

Através deste conjunto de dados que pude recolher, delimitei o campo da análise e identifiquei palavras e expressões que pudessem levantar questionamentos e confrontar a representação da escravidão na telenovela. O presente trabalho foi dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo busco abordar a questão da escravidão. Retratando e discutindo o surgimento das novas concepções historiográficas, e os diversos conceitos e teorias utilizados por alguns autores como Jacob Gorender, Gilberto Freyre, Kátia Mattoso e José de Souza Martins. Onde proponho ressaltar que a escravidão negra no Brasil não ocorreu de forma calma e democrática, mas sim através da coerção.

Assim notamos que a escravidão sem violência não é escravidão, e a própria condição cativa já define a situação inferiorizada socialmente do negro perante o seu senhor. O escravo sofreu um processo de coisificação social, mas este não é acomodado ao sistema. A adaptação é diferente da passividade.

O segundo capítulo é voltado para o surgimento das telenovelas. Onde busco retratar a história da televisão, do drama e posteriormente da novela. Através de uma revisão bibliográfica, proponho debater que a história gravada em imagens detém de um enorme poder, pois permite que a perpetuação das fantasias ocorra facilmente. No entanto em muitas “representações históricas” ocorre a transferência de informações deturpadas do passado. Muitas vezes, em vez de informar corretamente, elege, perpetua fantasias e aumenta os preconceitos.

Ao terceiro capítulo dedico à análise da telenovela, onde pretendo desvendar valores divulgados pelo poderoso meio de comunicação, que é a televisão, através de um produto que privilegia o surgimento de concepções estereotipadas como é a telenovela. Busco refletir sobre esses estereótipos encontrados, para poder contribuir na superação de posições preconceituosas e conservadoras a cerca da escravidão, abrindo desta forma novos horizontes para a análise da realidade social.

Contudo a pesquisa a ser desenvolvida, busca colaborar para a melhor compreensão da questão pleiteada, ao colocar em pauta a telenovela *Escrava Isaura* e a representação das concepções históricas sobre a escravidão.

Finalmente apresento as considerações finais da pesquisa, esperamos que este estudo venha contribuir para a educação no Brasil. Retratando a História com compromisso político e cultural, e procurando sempre investigar “as gentes brasileiras”. De forma a desvendar valores e denunciar possíveis impropriedades históricas para que não ocorra a construção e perpetuação de mitos através dos meios de comunicação e principalmente através das escolas.

CAPÍTULO I

A ESCRAVIDÃO

A discriminação racial e a pobreza dos dias atuais têm como um dos fatores históricos o escravismo colonial. Abordar a escravidão é sempre um processo bastante difícil, pois envolve um grande debate teórico.

Não nos cabe apagarmos seus registros dos nossos livros, das nossas pesquisas, televisão ou da nossa memória, pois faz parte não apenas de uma “instituição histórica” ou de um “modo de produção”, mas de uma relação entre os seres humanos que se perpetuou durante longos anos na história.

Analisarmos a escravidão é antes de tudo ter em mente a análise pessoal do “*ser escravo*”. Mas o que é “ser escravo”? A Escravidão se caracteriza por sujeitar um homem ao outro. Onde o ser humano torna-se propriedade do outro anulando o seu próprio poder *deliberativo*¹. Segundo Aristóteles: “O escravo por natureza, não pertencia a si mesmo, mas a outra pessoa”.²

Na antiguidade as sociedades escravistas como o Egito e Mesopotâmia atribuíram à escravidão algo estritamente relacionado ao trabalho. As obras públicas exigiam um grande número de trabalhadores, e quando finalizadas as construções eles poderiam retornar às suas tarefas anteriores, desta maneira a liberdade era concedida após o término das obras.

Já na Grécia e Roma a escravidão estava relacionada às guerras onde os perdedores eram humilhados e tornavam-se escravos, e estes deveriam trabalhar para seus donos até o dia em que adquirissem a sua própria liberdade. A organização destas sociedades baseava-se extração do trabalho escravo, que possibilitava inúmeras riquezas para elas.

¹ O escravo pode ter vontades mais não pode realizá-las.

² Apud Pinsk, 2006: 12

A modernidade oferece um novo tipo de escravo. Surge então o escravo-mercadoria-negro. Às sociedades africanas negras foi atribuído o caráter de “atrasadas” ou “primitivas”, e destas extraíam a força de trabalho compulsório para uma estrutura que estava se organizando chamado colonialismo. Esta nova força de trabalho parecia ser algo inesgotável, lucrativo e pronto para ser negociado.

No Brasil essa relação de pertence, surge inicialmente com a chegada dos portugueses na Terra Nova, que através dos escambos tentam seduzir os indígenas para escravizá-los. Entretanto esse mercado apenas interno não seria tão atrativo como a escravidão negra, que gerava um lucro ainda maior.

Em *O Cativo da Terra* de José de Souza Martins, a escravidão colonial é considerada uma modalidade de exploração da força de trabalho. Onde o escravo exercia uma dupla função: ele era a fonte de trabalho e a fonte de capital para os fazendeiros.

Em uma sociedade de produção agrícola mercantil a fonte de trabalho era primordial. É no escravo que os fazendeiros obtinham a principal mão de obra e, através destes adquiriam numerosos lucros. Entretanto o escravo não era somente a fonte de trabalho, mas atuava como fonte de capital. A propriedade do escravo enquanto forma de riqueza e fonte de trabalho compulsório era o pressuposto que garantia adentrar e pertencer à esfera da acumulação mercantil na colônia.

Os comerciantes do tráfico oferecem aos fazendeiros o escravo, estando este vinculado à possibilidade de criar riquezas³. Os fazendeiros investem na compra de escravos em busca da mão de obra, possibilitando a transferência compulsória de excedentes para o comércio, tornando-se desta forma o escravo em renda capitalizada. O escravo além de ser mão-de-obra torna-se mercadoria. Segundo José de Souza Martins, o escravo:

³ Pela posse do escravo ao lucro do comércio.

Não entrava no processo de trabalho como vendedor da mercadoria força-trabalho e sim diretamente como mercadoria, mas não entrava também como capital, no sentido estrito, e sim como equivalente de capital, como renda capitalizada. (1998:14)

Na economia colonial o processo de constituição da força de trabalho é regulado pelas regras de comércio. A acumulação escravista estava no processo de compra de escravos para adquirir mais escravos.

A renda do escravo era o elo relevante da acumulação escravista mercantil. Esta renda capitalizada estava acoplada aos interesses do capital mercantil, seja importador (traficante), seja exportador (comerciante), o que conferia certa rigidez à estrutura produtiva baseada na escravidão.

O escravo ao ser comprado como “mercadoria” tinha um preço, mas não tinha um valor, transfigurava-se a uma renda ainda não paga (trabalhada). Desta forma o preço do escravo constituía-se a um pagamento adiantado, da apropriação do excedente do fazendeiro. O lucro do capital mercantil traficante é um adiantamento (que antecede a produção mercantil colonial) capitalizado da renda futura, transferida do produtor escravista para o comerciante de escravos.

Neste sentido o escravo não é o capital fixo, mas é transfigurado em renda capitalizada. É a renda auferida pelos comerciantes que vão intervir no regime de trabalho dos escravos. Onde o senhor utiliza da coerção para extrair o trabalho necessário, regulando a jornada de trabalho do cativo e o seu esforço físico, em busca de maiores lucros. E a partir deste o proprietário calculava um lucro médio, que equivaleria ao capital que seria investido em outro negócio.

O escravo como mão de obra oferecia sua força de trabalho e posteriormente haveria o aumento na produção. Além deste lucro, o escravo assumiu um importante papel: de estar vinculado ao crédito.

O escravo era também, fonte de crédito ou fonte de capital. Na vigência do trabalho escravo a terra era destituída de valor. A fazenda significava o conjunto de bens, ou seja, a riqueza constituída pelo fruto do trabalho escravo. Num regime de terras livres, o capital se configurava no trabalhador escravo, pois mais valiosos que a terra era os escravos.⁴ Daí a valorização dos escravos em detrimento da terra. A partir de então é que o escravo torna-se penhor de pagamento dos empréstimos, e é ele o fator privilegiado da produção. Para José de Souza Martins:

O principal capital do fazendeiro estava investido na pessoa do escravo, imobilizado como renda capitalizada, isto é, tributo antecipado ao traficante de negros com base numa probabilidade de ganho futuro. O fazendeiro comprava a capacidade de o escravo criar riqueza. De fato, a terra sem trabalhadores nada representava em termos econômicos, enquanto isso, independentemente da terra, o trabalhador era um bem preciso. (1998: 26)

O escravo vê no trabalho o seu cativeiro, pois por meio da coerção é que é extraído o seu trabalho. Por culpa deste, criam-se as longas jornadas de trabalho, os dolorosos esforços físicos, os inúmeros açoites e o terrível cativeiro. Ao escravo era possível recuperar a sua humanidade pessoal através da negação do trabalho. Ele torna-se livre quando o rejeita.⁵ O contrário ocorre com o homem livre, pois o trabalho é a condição da sua liberdade, é ele que dignifica o homem e que dá o seu sustento.

Dentro deste contexto é que se faz necessário abordar a questão do tráfico negreiro. Para Gorender (1988) o tráfico passou a ser uma atividade em si explicada internamente pela maior demanda de escravos e pela necessidade de acumulação do capital no sistema colonial. O escravo torna-se mercadoria e o tráfico negreiro alimentava seu sistema.

⁴ A Terra não possuía valor algum sem a presença dos escravos, pois eram por meio destes que se explorava a Terra e que se extraíam os lucros para os seus senhores.

⁵ Essa atitude de desprezo do escravo perante o trabalho é ressaltada, pois recusando o trabalho ele repulsava o senhor e junto o seu estado de escravidão.

O escravo a partir do tráfico negreiro passa a ser uma mercadoria apreciada. Mas o que é ser escravo?

1 SER ESCRAVO

Como já ressaltamos no item anterior, ser tratado como mercadoria foi uma das maiores atrocidades cometidas contra o povo negro em toda a sua história. Entretanto o escravismo colonial se orientou neste sentido.

A primeira categoria da escravidão é a de ser propriedade do outro. Ser escravo é pertencer a outro ser humano. Trata-se de ser “propriedade viva”. E como propriedade ou mercadoria ele adquire algumas características:

Em geral, tem sido dito que o escravo possui três características definidoras: sua pessoa é a propriedade de outro homem, sua vontade está sujeitada à autoridade do seu dono e seu trabalho ou serviços são obtidos através da coerção. (GORENDER, 1988: 47)

Portanto o escravo é uma mercadoria e está sujeita as idênticas relações de compra e venda. O fato é que a mercadoria possui um valor (um preço comercial). E este preço depende da concorrência, da especulação, da conjuntura econômica, da procura, depende ainda da sua idade, seu sexo e de sua saúde. Pertencer ao outro anula qualquer possibilidade de poder deliberativo. Sendo assim, o escravo é uma “propriedade viva deliberada”⁶ e sujeitada à vontade do seu Senhor.

Se o escravo é uma coisa, a tendência foi dos proprietários tratá-los como tais. Daí surge às inúmeras explicações para as atrocidades cometidas contra os escravos. Ser coisa é estar em um patamar inferior aos animais. A violência acometida pelos senhores contra os escravos é extremamente justificada pelo fato de serem seres animados inferiores.⁷

⁶ O escravo era um ser humano despossuído de qualquer vontade própria.

⁷ A tendência dos senhores foi vê-los como animais de trabalho. Por isso era constante a prática de marcar com ferro e brasa os escravos, como se marcava o gado. Tal prática só foi proibida em 1824 pela Constituição

Este processo de coisificação social que a escravidão impunha ao escravo foi implícito na identificação jurídica do escravo à mercadoria. Desta forma a propriedade se sujeita ao proprietário e nunca o contrário, e esta sujeição podem e ocorrem através da coerção. Eis a aí a categoria da escravidão. Gorender explica:

Temos em vista a coisificação *social*, que não é sinônimo de coisificação *subjetiva*. A coisificação social se chocava com a pessoa do escravo (pessoa = subjetividade humana). Ferida humilhada, comprimida, a pessoa do escravo não era anulada (exceto em casos patológicos). A contradição entre ser coisa e ser pessoa constituía a vivência do escravo durante toda sua existência [...]. (1990: 23)

O escravo não é um ser inato (ou uma coisa), pelo contrário ele é ser humano. Entretanto o escravo sofre um processo social de coisificação, que através da coerção brutal e da jurisdição escravocrata impõe ao escravo a condição de mercadoria. E este processo de coisificação só poderia se efetivar através da coerção. Portanto os proprietários apoiavam-se na violência (praticada, consumada ou ameaçada, latente), para fundamentar e realizar o processo de dominação escravocrata.

Algumas concepções historiográficas, como as teses do patriarcalismo e a da democracia racial atribuem ao escravo outro papel. Essa leitura historiográfica não vê o escravo como “coisa”, pelo contrário ele possui vontade própria e é capaz até de ter ação autônoma no interior do sistema. Essas correntes historiográficas buscam não valorizar a situação do escravo mais ressaltar a acomodação do escravo ao sistema, a pacificação.

Como símbolo destas concepções historiográficas, podemos ressaltar o livro *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, sendo sua obra reconhecida internacionalmente e que influenciou diversos autores. Sua obra destaca a suavidade da escravidão brasileira e tem como base teórica o sistema do patriarcalismo, onde este proporcionará o surgimento de alguns mitos a respeito da escravidão brasileira.

Imperial. Cf. GORENDER, Jacob. Op.cit. p.50.

O primeiro destes é mito da democracia racial. A direção patriarcal tem a marca do contato pessoal, é fato que senhores e escravos se relacionavam constantemente ao longo de todo o sistema. Negros e senhores nasciam e cresciam dentro do mesmo domínio ao longo de gerações. Entretanto o escravo é totalmente dependente do seu senhor e sofria interferência nos aspectos mais íntimos de sua vida. Esta relação poderia adquirir manifestações de chocantes atrocidades.

O escravo abrigado na família senhorial patriarcal, dentro de uma “sociedade aberta” não é uma “coisa” vítima da coerção brutal e desumana. Mas é vista como algo institucional aceitável, um ser humano limitado por uma condição inferior. Assim, o sistema é feito de alianças, no qual se mistura os brancos e os escravos. Segundo Freyre:

A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos-amas de crias, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos, mas o de pessoas de casa. Espécie de parentes pobres nas famílias européias. À mesa patriarcal das casas-grandes sentavam-se como se fossem da família numerosos mulatinhos. Crias. Malungos. Moleques de estimação. Alguns saíam de carro com os senhores, acompanhando-se aos passeios como se fossem filhos. (1963: 393)

Essa igualdade é inexistente dentro do sistema escravista. Escravos e senhores não são iguais. Aos senhores estava o poder e a autoridade, aos escravos a obediência e a busca pela liberdade. Gorender retrata que:

A igualização entre opressores e oprimidos na elaboração é tão absurda e desapropriada quanto a idéia de acordo sistemático ou de pacto social entre seus senhores e escravos [...] (1990:29)

Ao lado do mito da democracia racial encontramos o da benignidade da escravidão no Brasil. Essa fixação pelos bons tratos é incoerente e segundo Gorender o escravo poderia ser “Melhor tratado, sem dúvida, mas o escravo permanecia escravo: Explorado, humilhado e castigado” (1988:369).

Existia uma hierarquização entre os escravos. Alguns eram “melhores” tratados mais isso não os retirava da classe escravizada. Entretanto esses “melhores tratamentos” eram para a minoria, a escravidão possuía o caráter duro e violento para a maioria da sociedade escravista. Coexistia dentro desse sistema comportamentos paternalistas e repressivos.

Ainda dentro destas correntes historiográficas que destacam a suavidade da escravidão brasileira encontra-se Kátia Mattoso. Segundo a autora a escravidão não se define por meio exclusivamente das relações de produção, pois estas limitariam a análise do relacionamento habitual dos explorados e exploradores. O escravo deve assumir a personalidade de ser escravo, tendo que adaptar e aceitar a sua posição no corpo social.

Para compreender o ser escravo é necessário que ocorra a análise da repersonalização do escravo. Kátia Mattoso explica:

É aparentemente inimaginável que seres humanos possam subsistir sem maior ou menor adaptação entre eles [...], a nova personalidade do escravo é criada por essa inserção, numa sociedade dominada por um modelo branco, de homens pretos ou ainda sob a inspiração e padrões africanos. São as tensões continuadas dessa integração difícil que obrigam a própria vida do escravo a adaptar-se às relações de tipo escravista e o levam a todos os esforços, todas as humildades, todas as obediências e fidelidades para com os senhores infalíveis. (1988: 102).

Segundo a autora três qualidades são essenciais para a personalidade do bom escravo: a humildade, a obediência e a fidelidade. Este seria o tripé da relação entre senhor e escravo. Para Kátia Mattoso:

Os caminhos que vão conduzir o preto a essa fidelidade, a essa obediência e a essa humildade aparente num trabalho que lhe deverá conceder sua nova identidade, essas vias podem ser suaves ou violentas. Em geral, o senhor prefere a persuasão à imposição. (1988: 103).

Desta forma a escravidão trata-se de um comércio imposto, de um trato.

Dá-me tua lealdade e eu te darei a proteção e a identidade de minha família. O “viver com” transforma-se em identificação parcial do

escravo com o grupo social dos senhores que procuram integrá-lo. (MATTOSO, 1988:103).

O escravo dócil e sutilmente resistente não vai contra o sistema escravista mais ocorre uma coexistência pacífica entre ambos. Alguns autores são ainda mais ambiciosos ao negarem por completo a violência no escravismo colonial como é o caso da autora Silva Lara:

[...] o castigo físico, medido e moderado, era aceito pelos próprios escravos como “justo”. Situa-se fora dos condicionantes históricos quem identifica este castigo físico com violência. O castigo físico possuía uma dimensão pedagógica. Era relação de amor e medo, mercê e rigor. Relação pessoal através de mediações. Inseria-se num cotidiano dentro do qual a criatividade dos escravos se revelava nas estratégias de resistência e acomodação. (Lara apud Gorender, 1990:23).⁸

Para Gorender (1990) este procedimento analítico a respeito do escravismo conduz redesenhar o perfil da escravidão com o objetivo explícito de reabilitá-lo. Recupera-se a subjetividade do escravo para torná-lo agente voluntário da reabilitação da escravidão. A escravidão sem violência deixa de ser escravidão. Para o autor o escravo não é o ser subjetivo do sistema escravista mais o sujeito histórico capaz de lutar contra a opressão coisificante.

Desta forma a escravidão não é contratual, a dominação escravocrata se fez por meio da violência efetivada e na ameaça permanente da mesma. Para o autor, os escravos não aceitam a escravidão mais se adaptam para sobreviver. A adaptação de um escravo ao sistema não implica passividade. Adaptação não é sinônimo de passividade, segundo Gorender:

O escravo foi sempre considerado o inimigo, do qual só se deveria esperar insubordinação ou, no melhor dos casos resignação para “passar a vida” com menor sofrimento. (1990: 32)

Esta distorção de conceitos torna a escravidão mais patriarcal, doce, amena. Um mundo feito de alianças no qual convivem em paz senhores e escravos. Esta ideologia da paz inexistente dentro do sistema escravista. Os escravos não foram pacifistas, e nem acomodados à

⁸ GORENDER crítica a autora, pois a escravidão deixaria de ser uma relação imposta para ser uma relação contratual.

opressão senhorial. O conflito foi constante, a violência real e a busca pela liberdade foram almejadas.

“Ao escravo, pão, correção e trabalho”⁹ recomendou o livro de eclesiásticos. Este não difere do verdadeiro sentido da escravidão. Trabalho e castigo são termos indissociáveis dentro do sistema escravista.

Os senhores de escravos têm o direito privado de castigar fisicamente a sua propriedade. Estes castigos eram necessários e justos aos olhos deles. Com o decorrer dos anos a moderação já se faz necessária. Não pela “bondade” de seus senhores, mas ideologias agora já existentes (tanto pela igreja católica, quanto pelo estado). Esta moderação parte do princípio não do temperamento dos escravocratas, mas das exigências objetivas da economia escravista. Não era de grande interesse inutilizar os escravos, pois estes eram seu dinheiro real e gerador de ainda mais lucros.

Cabia desta forma aos senhores a moderação dos castigos para com seus escravos, o que não anula a existência dela como algumas correntes propõe. Ocorrendo inúmeras vezes punições extremamente cruéis e desumanas. Koster em Pernambuco relata um pouco a respeito destes castigos:

As punições corpóreas são comuns (...) e, embora as grandes crueldades não sejam freqüentemente praticadas, esse modo de castigo produz muito sofrimento, muita miséria e muita degradação. (Apud Gorender, 1988: 58)

Essa fixação pela escravidão doméstica, sem violência, não permite obter uma visão correta a respeito da própria escravidão como sistema.

⁹ Cf. Eclesiástico 33: 25

2 SER ESCRAVA

A imagem apresentada do negro-escravo tem sido constantemente discutida. A figura do “homem” bruto, selvagem, primitivo e dominado pelos seus instintos ilustrou a imaginação dos povos ditos “civilizados” por bastante tempo.

Este estereótipo não foi construído a partir das características do negro em si, mas da figura deste na sociedade escravista. O seu papel social e a sua imagem física foram construídos através dos senhores brancos. Da mesma forma é que se cria a imagem da escrava.

Às negras, foi atribuída a responsabilidade de despertar a sexualidade e a cobiça do branco e de seu comportamento libidinoso. A elas não cabem a figura temível e animalésca (como os atribuídos aos homens pretos dominados), mas à atraente, de corpos opulentos e sensuais. As escravas eram encarregadas de dar prazer aos seus senhores, pois estes não os possuíam em casa.

Sabe-se da predominância do sexo masculinos entre os escravos, onde o preço das mulheres era comumente superior ao dos homens. Isto ocorria devido à demanda, aos homens, destinava-se o principal papel do escravismo.

O que ocorre nas grandes fazendas é a presença mais freqüente da mulher escrava na Casa Grande, do que do homem escravo. A este eram destinados a escravidão produtiva ou os trabalhos mais braçais e geradores de lucros, como a plantação e a colheita.

As mulheres não eram excluídas deste processo. Os maus tratos e a exploração também eram realizados entre elas. Entretanto atribui à sorte de algumas o papel da escravidão doméstica.

Estas serviam aos seus senhores na esfera do consumo e residiam na casa dos mesmos, distanciando fisicamente das senzalas. Era constante o envolvimento destas com

seus senhores em busca de liberdade, tanto para seus filhos como para consigo mesma.

Segundo Pinsky:

Sabe-se de violências sexuais atrozes praticadas por senhores e feitores contra as negras escravas. A literatura e até filmes e novelas de televisão têm mostrado mais esse ângulo cruel da escravidão. Mas não se pode negar que, diante da possibilidade de melhorar de condição-talvez a única em toda vida- e vislumbrando também a possibilidade de ter um filho livre, a escrava acabasse cedendo ou, até mesmo, seduzindo o seu senhor. (2006: 64)

No Brasil as correntes historiográficas patriarcais exaltam a escravidão doméstica, como algo bom para a sociedade brasileira. A esse tipo de escravidão temos a porcentagem minoritária o que desloca a análise da escravidão como sistema, onde se permite, com ou sem preconceitos a exploração sexual das escravas em um plano meramente material e sexual.

Como havíamos destacado no item anterior, Gilberto Freyre proporciona o surgimento de alguns mitos a respeito da escravidão brasileira, e o último deste em sua obra por mim a ser abordado é o das mulheres quentes. Este deve ser ressaltado nas mulheres negras escravizadas. Este mito foi construído de forma oral e é atribuído ainda hoje na sociedade de forma preconceituosa. Em entrevista a Revista Status Gilberto Freyre retrata:

P - Aliás, o senhor, em Casa Grande e Senzala, coloca a mulher negra e a mulata quase como um ímã, que vai atraindo com os seus costumes, o seu modo de ser, a mulher branca. A branca é mais estática, mais parada.

R - Exato. Porque eu creio que a mulher de cor, vamos chamá-la assim, não só a negra, como a mestiça de sangue negro e branco, sangue negro e índio, é uma mulher que não anda como as outras, ela anda dançando sempre. Mas dançando não para ser pornográfica, mas porque é do seu instinto andar assim. (FAERMAN, 1985, p. 26-34)

Tal conceito haveria surgido do pressuposto das escravas serem atrativos eróticos para os homens brancos. Dentro deste conceito as mulheres escravas eram escravizadas também sexualmente. É claro que algumas usufruíam deste artifício para conseguirem alguns benefícios. As mulheres escravas eram constantemente assediadas pelos seus senhores, e

sujeitadas à concupiscência não só por estes mais pelos diversos homens brancos existentes.

Em Casa Grande & Senzala, Freyre retrata:

As mãos do senhor só servindo para desfiar o rosário no terço da Virgem; para pegar nas cartas de jogar, para tirar rapé das bocetas ou dos corrimboques; para agradar, apalpar, amolengar os peitos das negrinhas, das mulatas, das escravas bonitas dos seus haréns. (1963:464)

Ainda segundo Gilberto Freyre:

Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. Em primeiro lugar, o próprio interesse econômico favorece a depravação sexual, criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias. (1963:360)

Dentro desta perspectiva os senhores utilizavam das escravas para proporcionarem um maior lucro econômico, pois estas tinham a parte mais produtora do sistema, os ventres geradores. Ainda utilizavam das escravas para descarregares suas “taras” pelos corpuloso e sensuais corpos das escravas.

O desequilíbrio na composição sexual já possibilitava esta promiscuidade. Quanto a isto Goreneder observou:

2/3 da população estavam excluídos do segmento de pessoas casadas e condenados à solidão, então só cabe concluir que a escravidão foi predominantemente adversa ao consórcio familiar. (1990:51)

As famílias estavam desestruturadas, levando a promiscuidade sexual ser conseqüência inevitável da escravidão, pois esta era contrária ao sistema escravista familiar.

É desta forma que se destaca o principal papel da escrava dentro do sistema. Além do duro trabalho (pois a maioria não pertencia ao seio das Casas Grandes), restava-lhe o papel de mãe (dos seus e dos outros), esposa (em raros casos onde ocorria o casamento) e amante (dos seus senhores e demais homens livres dominantes).

CAPÍTULO II

AS TELENOVELAS

A televisão é um forte meio de comunicação que se perpetuou ao longo de décadas no meio social das famílias. A penetração da televisão dentro dos lares, bares, restaurantes, escritórios, hospitais, escolas e em diversos lugares no Brasil, ocorreu de forma bastante intensa.

Do meio rural às grandes capitais encontra-se este aparelho tecnológico. Através deste, milhares de pessoas assistem diversas programações em diferentes horários, atribuindo significados e valores a vida dos telespectadores, que fazem dele uso constante e diário em suas vidas.

Independente do nível social das pessoas, da sua profissão, cor ou sexo, o acesso aos programas televisivos é considerado fácil. Por todo o país a televisão dissemina através de diversos canais, inúmeras imagens eliminando desta forma algumas barreiras sociais e geográficas¹⁰. Esther Hamburger explica que:

A TV capta, expressa e constantemente atualiza representações de uma comunidade nacional imaginária. Longe de prover interpretações consensuais, ela fornece um repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo e regiões diferentes se posicionam, se situam umas em relação às outras. Ao tornar um repertório comum acessível a cidadãos os mais diversos, a TV sinaliza a possibilidade, ainda que sempre adiada, da integração plena. Ela como que alimenta cotidianamente uma disputa simbólica, uma corrida pelo domínio das informações necessárias, um jogo de inclusão e exclusão social. (1998: 441-442)

Em uma sociedade excludente, cheia de contrastes e de diferenças sociais, a televisão aparece ante ao seu público convidando-os para participarem desta sociedade antes distante, mas agora próxima aos seus olhos. Aproximando o telespectador da tecnologia e diminuindo

¹⁰ Com o avanço tecnológico hoje é possível assistir as programações televisivas em diversos lugares do Brasil. Diferentemente da década de 60, cujo acesso era quase restrito a região sudeste. Cf.: Vida privada v.4 página 448

a distância geográfica, assim como os demais meios de comunicação. Entretanto não diminui as desigualdades sociais e não afeta as relações econômicas de cada telespectador.

Desta forma a TV reitera uma sociedade excluída, e leva os telespectadores a participarem de forma indireta da vida burguesa representada. Possibilitando assim o surgimento de mitos, sonhos, prazeres e discriminações.

Mediante a presença maciça da televisão nos lares brasileiros é que faz compelir o surgimento dos mitos acima mencionados. Pois como grande detentora de imagens e representações a TV contribuirá por meio do imaginário, para a construção de preconceitos.

Valendo-se da super valorização de um personagem em detrimento do outro, dos luxos demonstrados, do conteúdo sentimentalista moralizador é que ocorrerá a perpetuação das discriminações e dos mitos, mesmo sendo estas criadas de forma omissas. Como por exemplo, sucede com os personagens negros que são sempre inferiorizados em presença dos brancos, onde constantemente eles são representados através de estereótipos negativos.

Quando os negros participam das novelas, eles aparecem em posição subalternizada. Sendo o negro sempre o cidadão de baixo poder aquisitivo, oferecendo a eles o trabalho de empregada doméstica, cozinheira, motorista, macumbeiros ou na maioria das vezes o papel de escravos. Reforçando a imagem construída no período escravocrata, tratando do negro como um ser passivo e acomodado. Desrespeitando a imagem de milhões de negros telespectadores e atingindo a dignidade e auto-estima destes. Contribuindo assim para a representação da discriminação racial.

Proporciona ainda o surgimento de sonhos, pois ela mexe com o imaginário das pessoas. A vida perfeita representada, o carro perfeito, a casa perfeita... Representação de uma comunidade nacional imaginária. Tudo desejado e sonhado por aqueles tão distantes dos gêneros ficcionais abordados pela televisão.

Entretanto este aparelho televisivo contribui também para as pequenas alegrias familiares. Onde através de suas programações reúnem-se para assistirem, rirem e chorarem perante o aparelho televisivo. Sendo este um programa familiar barato, divertido e dentro dos custos de milhares brasileiros.

Dentro deste contexto é que encontramos as telenovelas. Estas são símbolo da popularidade e lucratividade televisiva alcançando índices de audiências altíssimos e um grande prestígio entre os profissionais da televisão.

No final do século XVII surgiria na França e Inglaterra espetáculos constituídos de relatos populares provenientes da literatura oral, encenados nas ruas e feiras das cidades, uma vez que os teatros oficiais eram reservados somente às classes altas. Cujo drama estaria ligado à narração popular, repleta do sofrimento deste povo, e da suas realidades: como o medo, o terror, as paixões e as tradições. Nasceria assim o melodrama, em virtude da triste realidade de um povo.

Após a Revolução francesa, em meados dos séculos XVIII, estes espetáculos vão se oficializar. Passando agora a retratar cenas repletas de emoções e que constituíram os trágicos momentos vividos pela população no processo revolucionário. Repleto de heroísmo e romantismo o melodrama envolveria o seu público em busca de emoções, prazeres e sentimentalismos.

Com o desenvolvimento técnico-industrial surgem os periódicos, e a escrita destes melodramas vão se enraizar na vida cotidiana das pessoas com o objetivo de atraírem mais leitores. Rapidamente os folhetins apareceriam e estabeleceriam o diálogo concreto entre a escrita e leitura. Lúcia Helena Rincón Afonso explica que “essa dialética entre escrita e leitura, que incorpora “a massa do povo”, alimentará o melodrama e se tornará marca, que constituirá as matrizes da telenovela” (2005:99).

Por meio da leitura destes folhetins é que a população se envolverá com o sentimentalismo e as emoções propostas pelo melodrama de maneira constante, constituindo as bases para as novelas até os dias atuais. Sílvia Borelli afirma que:

O melodrama é um relato linear que tem a intenção de conquistar ao mesmo tempo o coração, os olhos e os ouvidos, o drama passional rechaça sempre os finais trágicos. Tem a intenção de sensibilizar o público com temas repletos de arquétipos- o amor, o ódio, o dever, a honestidade, os segredos e os mistérios-, expressados em um jogo muito comum de oposições entre o bem e o mal; os ricos e os pobres; o justo e o injusto; os heróis e os vilões; a felicidade e a tristeza; os triunfos e as derrotas. (Borelli apud Afonso, 2005:98)

Estes folhetins passam então a serem fonte de interesse comercial e de lucro. Sendo elaborados de maneira que despertem o interesse pessoal do público e com estratégias para aumentarem o número de assinantes dos exemplares.

Surgiria assim um novo gênero dramático inserido nos folhetins do século XIX. E tendo como estrutura básica o melodrama é que nascem as Telenovelas. Essa ligação com o melodrama ocorre, pois:

Dissolvem as fronteiras entre a realidade e a ficção: seduzem o receptor e provocam lágrimas, risos, medo, ansiedade, felicidade; funcionam como suportes na constituição de referenciais para o imaginário coletivo. (...) Os gêneros articulam, no conflito, as manifestações tanto da cultura popular de massas como de uma cultura erudita. Podem ser entendidos como matrizes culturais, como arquétipos, como modelos, como padrões, como textualidades; os gêneros caracterizam universalidades, retomam tradições, buscam a memória e redimem, seletivamente na modernidade, os perfis de um passado e de um tempo aparentemente perdidos. (Borelli apud Afonso 2005:98)

As telenovelas chegam à América - Latina com uma versão modernizadora dos folhetins e adquirem aqui um amplo público capaz de envolverem os telespectadores em suas narrativas melodramáticas. Mantendo como característica em comuns o grande sucesso junto ao público e a fidelidade à programação das emissoras.

Já no Brasil as telenovelas surgiram no mesmo momento em que ocorre a difusão da televisão no país. Em 1950 inaugura-se a primeira emissora televisiva no Brasil: a Rede Tupi em São Paulo. Tendo como proprietário o diretor dos diários Associados Assis Chateaubriand.

Inicialmente Chateaubriand lidera o mercado de televisão, mas enfrenta a concorrência de outras emissoras, como a rede Record criada em 1953. Mas logo, a rede Tupi se destaca expandindo o seu raio de alcance e adentrando no país.

E é a partir de comerciais de multinacionais como a Colgate-Palmolive e o sabão Gessy que apareceria à primeira experiência novelística no Brasil. Em meados dos anos cinquenta as telenovelas adaptam as obras literárias de autores brasileiros e possuem como a matéria-prima as rádonovelas e as soap óperas¹¹ americanas.

Os rádioteatros dos anos 30 e a televisão a partir dos anos 50 nos Estados Unidos popularizam os dramas melodramáticos retratando as situações domésticas cotidianas. Estes programas televisivos americanos eram transmitidos predominantemente no horário após o almoço e eram assim como hoje dirigidos principalmente ao público feminino.

Durante a grande depressão as empresas de produtos destinados ao serviço doméstico, investem e patrocinam as soap óperas e as rádios comerciais. As donas de casa como as maiores consumidoras dos produtos domésticos serão então o tema central dessas programações. Segundo Lúcia Helena Rincón Afonso:

Para vender para as mulheres, a soap opera aprofunda outros traços que também estão na base da análise deste trabalho: de um lado, torna-se uma ficção dirigida à mulheres, para atrair e manter sua atenção, coloca mulheres como personagens centrais e com temas que falam privilegiadamente do mundo a que está socialmente destinada: do lar, da família. (2005:116)

¹¹ As soap óperas são um gênero de obras de ficção dramática ou cômica difundida pela televisão americana em séries, compostas por episódios transmitidos regularmente. Na qual soap opera (telenovela) é composta da palavra soap (sabão, sabonete) mais, opera (ópera).

As telenovelas brasileiras herdam dessas rádionovelas tal característica, sendo então produzidas em séries para as mulheres com o objetivo de vender seus produtos. A novela aqui é diferente da simples propaganda, pois ela torna-se fundamental para promover uma educação dos sentimentos.

O telespectador encontra-se em um universo diversificado e a partir das telenovelas, ele consegue decodificar e atribuir valores e significados a estes produtos anunciados. Esta capacidade educativa da TV está ligada diretamente como o Merchant, e educar aqui significa ensinar a consumir.

Após um ano da inauguração da televisão no Brasil, em dezembro de 1951 é que a rede Tupi colocou no ar a primeira novela brasileira chamada: Sua Vida me Pertence. Neste momento elas não eram exibidas diariamente e nem detinham de tanto prestígio, pois aos teleteatros é que estava designado o maior número de audiência. A novela era representada ao vivo, pois não existia o vídeo - tape sendo exibida somente às terças-feiras e quintas-feiras.

Em 1960, dez anos após a inserção da televisão no Brasil, é que as telenovelas vão inserir na vida dos brasileiros de forma efetiva. Ocorrendo uma mudança significativa, cujos escritores brasileiros tentam retratar mais a realidade brasileira. A respeito disso diz Melo:

(A TV Tupi)... fazia uma revolução no gênero, lançando, em 1969, uma história ambientada inteiramente no Brasil, reproduzindo cenas e personagens com os quais os telespectadores podiam facilmente se identificar. Além disso, rompeu o círculo melodramático, introduzindo humor e desconcentração no recheio da trama novelesca. O sucesso conquistado por essa telenovela- Beto Rockfeller- é tido como marco fundamental na transição para o completo abraço do gênero e sua configuração como um produto diferenciado das matrizes que o geraram. (Melo apud AFONSO, 2005: 103)

Essa mudança possibilitará a aproximação do telespectador à telenovela. Refletindo na tela a “realidade” social de alguns brasileiros, os espectadores passam a se sentir mais familiarizados com esta ampla gama de valores e maneiras de se viver. Não excluindo os

romances, o amor e a família. Mas atribuindo agora, acontecimentos que se tornam coerentes e verossímeis ao público.

A modificação no gênero estava feita e a inserção do vídeo – tape consolidou de vez a telenovela ante o telespectador. Tal inserção segurou o público criando novos hábitos televisivos mantendo-os diante o aparelho de TV todas as noites em um mesmo horário.

Com o regime militar na década de 1970, ocorre a inserção de escritores a uma nova abordagem roteirista, tendo que se ajustarem às pretensões econômicas desenvolvimentistas dos militares e as suas ambições nacionais. Em meio a estes governos ditatoriais e a uma forte repressão política é que o exercício da censura vai poder se concretizar de forma intensa e rigorosa. Desta forma as novelas passam a representar a felicidade plena, a valorização do homem diante a mulher e a constituição da família patriarcal. A respeito deste caráter machista adquirido pelas novelas, Fadul retrata:

(...) não admitindo a relação sexual fora do casamento, o que impedia o adultério feminino, ainda que fosse mais tolerante com o masculino. Por outro lado, também não admitia relações sexuais sem compromisso, nem sequer entre solteiros. Em várias situações se pode perceber que o novo papel que a mulher estava assumindo na sociedade, principalmente na esfera do comportamento sexual e reprodutivo, era completamente censurado. (Fadul apud AFONSO 2005:104)

É neste período que a Rede Globo de Televisão dá o seu grande salto. Envolvida de maneira amistosa com o regime militar e motivada por uma combinação de diversos fatores¹², a rede Globo passa a abordar em suas telenovelas, temáticas que buscam despertar o interesse dos telespectadores como a ênfase ao consumo de produtos tecnológicos, que através do merchandising vinculam-se a característica econômica proposta pelos governos militares. Segundo Esther Hamburger:

¹² Como o financiamento do governo militar à comunicação de via satélite, possibilitando que a Rede Globo transmitisse sinais abertos para todo o território nacional.

Fruto da combinação paradoxal de profissionais de ideologias e intenções diversificadas, trabalhando em condições desfavoráveis sob forte censura e numa empresa que crescia a ponto de se transformar num congelamento competitivo em nível internacional, as novelas inesperadamente passaram a constituir o principal produto da Rede Globo. (1998:468)

Neste momento a Rede Globo torna-se a maior produtora de telenovelas nacionais, além de este produto televisivo ser exportado para diversos países latino-americanos, norte-americanos e europeus.

Os anos 80 e 90 foram marcados por uma forte luta de audiência onde o predomínio da rede Globo encontrava-se ameaçado por outras emissoras que investiam na teledramaturgia. Emissoras como SBT e rede Manchete apostam em novos recursos e escritores, como o autor Benedito Rui Barbosa escritor da novela Pantanal na rede Manchete e a produção do remake de Éramos Seis de Silvio Abreu e Rúbens Ewald Filho pelo SBT, ambas as novelas de grande sucesso.

As telenovelas são consideradas, desde então, um produto de comunicação que tem obtido grande sucesso. Adquirindo o domínio no horário nobre das emissoras e promovendo uma série de lucros (através do merchandising), e inserindo-se na vida da sociedade e tornando referência nacional.

1 O PAPEL DAS TELENÓVELAS

A novela é um mecanismo fundamental para promover uma educação dos sentimentos, pois permite a este universo tão diversificado do telespectador de decodificar e atribuir significados ao seu meio social. Elas abordam as relações pessoais, o que é certo ou errado, tratando dos sentimentos, permitindo o surgimento de valores e discutindo o conceito de moralidade dentro de uma sociedade moderna.

É fato a importância atribuída à vida dos telespectadores como é nítida a sua capacidade peculiar em abordar exatamente o contrário da vida de milhares de pessoas.

Segundo Lúcia Helena Rincón Afonso:

A telenovela foi/é um meio de alienação do povo, que o atinge porque fala de seu mundo, com sua própria linguagem; um gênero narrativo, veiculado por uma televisão acrítica, de propriedade das classes dominantes, a quem interessa manter o povo anestesiado e afastado da possibilidade de análise e posicionamentos críticos frente à sua própria realidade. (2005:108)

Esse nexos entre o real e o imaginário cativa as pessoas, pois elas encontram referências pessoais ou elementos de identificação social. Entretanto essa percepção do social é permeada pela ingenuidade ou pelo maniqueísmo das pessoas. A vida representada na televisão nem sempre é real à realidade existente no mundo do telespectador.

Todavia este enfrentamento da realidade dos personagens com a realidade na qual vive os telespectadores possibilita o distanciamento da realidade e fixação. Proporcionando aos telespectadores a reelaborar criticamente a realidade, desta forma as telenovelas passariam de instrumentos de alienação para um aparelho que oferece a oportunidade de atentar o público a aprender a separar a realidade de ficção. Lúcia Rincón Afonso descreve que:

A Telenovela é instrumento de conhecimento e meio de transmissão de saberes sociais porque incorpora os/as receptores/as a partir de seus mundos, possibilitando uma interação, uma troca, uma interpretação a partir de um cotidiano que já lhe é familiar e implicando uma aprendizagem. (2005:110)

Ainda segundo a autora a telenovela é detentora de poderes, e é um instrumento de formação/educação informal que intervém na vida de mulheres, homens, jovens e crianças.

A novela, ao ter incorporado gestos, cores, som, transformando-se em telenovela e sendo emitida pela televisão, transforma-se na narrativa mais forte existente nos meios de comunicação, vê destacado o potencial do gênero narrativo como meio de transmissão de ensinamentos. (2005:112)

Esse tipo de narração é enriquecido, pois além de ser ouvida é vista, ela é reelaborada. Daí muitas vezes o conteúdo das telenovelas não serem esquecidos de imediato, pois elas incutem nos pensamentos dos seus telespectadores. Segundo SCHIAVO:

(...) permanecem na mente dos telespectadores, à espreita de uma oportunidade para adentrar sua vida, participar de suas fraquezas, de seus sucessos e de suas tentativas de transformar o cotidiano. Tornam-se motivo de conversa entre as donas-de-casa, as brincadeiras de botequim, dos comentários entre os executivos e assunto comum nos bate-papo de adolescentes. (Schiavo apud Afonso 2005:114)

Desta forma é que as telenovelas foram se afirmando dentro do mercado do meio de comunicação. Percorrendo diferentes fases, evoluindo com os seus temas, e aperfeiçoando ao longo dos anos no processo de interação entre o público e o imaginário, utilizando como base o melodrama, a telenovela tem mesclado a realidade e a ficção dentro da perspectiva de envolver o receptor e divertindo e inspirando-se na sociedade.

Para que se possam compreender os princípios gerais da telenovela é que proponho discutir e aborda no próximo capítulo, a telenovela *Escrava Isaura*, cujo grande debate moralizador está ligado à representação do escravo na televisão.

CAPÍTULO III

A TELENVELA ESCRAVA ISAURA

A construção da História se distanciou do gênero literário convertendo em Ciência principalmente a partir do século XIX, desvinculando-se gradualmente do fantástico. O método, o conceito, conteúdo e os fins traduziam o novo conhecimento adotado, unindo o científico ao Histórico e distanciando a História da Literatura. Aristóteles expressa:

Com efeito, a diferença entre poeta e historiador não está em que um escreva com matéria e o outro sem ela, que sendo possível reescrever Heródoto com métrica, com métrica ou sem ela, nem por isto deixaria de ser História. A diferença encontra-se no fato que um diz as coisas como se passaram e o outro como oxalá tivessem se passado. (Aristóteles Apud RAMA p.156)

No entanto, a literatura e o gênero novelístico buscam nos fatos passados, uma reconstrução simbólica do real. A Novela encontra a seu dispor a História, onde concretamente ela utiliza o material histórico para reconstruir épocas ou momentos vividos no passado.

O jogo da imaginação perspassa pelo gosto da ficção e da fantasia. Despertando nos homens a busca pelo mundo imaginário, para quem sabe encobrir o mundo real, daí a necessidade de mesclar o fato histórico como pressuposto de uma suposta realidade. Carlos M. Rama expressa que:

Sucedê que o romântico, por seu temperamento pitoresco e apaixonado dedica-se à exumação de certos temas históricos, mas, nos casos de conflito, prefere sempre a “verdade poética” à “verdade histórica.”(1962 : 162)

Parte daí o distanciamento entre a História e a Novela. A busca pela ficção ultrapassa de tal maneira a História que o papel desta, aparece apenas como o de estabelecer um tempo cronológico. Carlos M. Rama, ainda explica que:

Essa situação espiritual em que se coloca o romancista é uma auto-suficiência explicável da nova Ciência Histórica que esclarece que se entenda a Novela e a Historiografia como duas coisas, não só separadas, mas que também não podem encontrar-se. (1962: 163)

É a partir da sociedade que a História extrai seu verdadeiro sentido de existência, contendo o material necessário para a sua essência. E esta proporciona elementos vitais para a consolidação e aprendizagem do homem. Portanto ao retratar que o romancista crê fazer História, este indiretamente sugere aos telespectadores experiências que podem ser compartilhadas de formas informais ou surreais. Ernst Cassirer aborda a Novela como uma forma de Arte, e explica:

A arte e a História representam os instrumentos mais poderosos em nosso estudo da natureza humana. Que conheceríamos do homem sem estas duas fontes de informações? Dependeríamos dos dados de nossa vida pessoal... e teríamos que fazer experiências psicológicas, recolher fatos estatísticos, mas, nosso retrato do homem seria inerente e sem cor. Nas grandes obras de História e de Arte começamos a ver, por trás desta máscara de homem convencional, os rasgos do homem real, individual. Para encontrá-lo temos que recorrer aos grandes historiadores e aos grandes poetas, aos escritores trágicos como Eurípedes e Shakespeare, ou escritores cômicos como Cervantes, Molière e Lorenzo Sterne, ou ainda a romancistas modernos como Dickens, Thackeray, Balzac, Flaubert, Gogol ou Dostoiévsky. A poesia não é mera imitação da natureza; a História não é uma narração de fatos e de acontecimentos mortos. A História, como também a poesia, é um órgão do conhecimento de nós mesmos, um instrumento indispensável para construir nosso universo humano. (Apud Rama, 1962: 181)

A História assume para a sociedade o papel de questionar o transcender das verdades históricas utilizadas pelas artes (Literatura e Novela), possibilitando um melhor conhecimento do homem e da vida social do mesmo.

Contemporaneamente, a Literatura, a História e a Novela têm despertado o interesse de milhares de pessoas. O advento das telenovelas enquanto um produto de mídia que proporciona lucros às grandes emissoras, reforçaram esse interesse. A união da História à Literatura tem obtido como resultado final novelas de sucessos, como é o caso da telenovela *Escrava Isaura*, analisada neste presente trabalho.

1 A OBRA

Em 1875 em um pleno período abolicionista, Bernardo Guimarães escreve um dos clássicos romances da literatura brasileira: *A Escrava Isaura*. Explorando uma das questões mais polêmicas da sociedade da época, a escravidão, o livro alcançou um grande sucesso editorial. Retratando a vida de uma escrava branca chamada Isaura, o romance ilustra as desventuras de uma jovem escrava vítima de um perverso e devasso senhor.

Em meio a uma literatura nada abolicionista, a obra de Bernardo Guimarães ganhou algumas ressalvas importantes, pois proporcionou aos leitores o contato a certas presunções libertárias, onde o cativo era repugnado. Levando os leitores a se oporem a situações intoleráveis do cativo, como ocorreu no caso das mulheres que no presente momento não possuíam liberdade alguma ante a sociedade, sendo muitas vezes cativas dos seus próprios maridos. Segundo Manuel Cavalcanti Proença:

[...] é obra de muita importância, pelo modo sentimental como focalizou o problema, atingindo principalmente o público feminino, que encontrava na literatura de ficção derivativo e caminho de fuga, numa sociedade em que a mulher só saía à rua acompanhada e em dias pré-estabelecidos; o mais do tempo ficava retida em casa, sem trabalho obrigatório, bordando, cosendo e ouvindo e falando mexericos, isto é, enredos e intrigas, como se dizia no tempo e ainda se diz neste romance.”(2009: s/p)

Entretanto, ao mesmo tempo em que Bernardo Guimarães é celebrado como o autor de um dos maiores romances abolicionistas, o livro confirma todos os preconceitos da sociedade escravista e ignora a presença do negro.

Devido ao grande sucesso do romance, é que ocorre em 1976 a adaptação da obra para a televisão. Baseado— se em Bernardo Guimarães, Gilberto Braga proporciona aos telespectadores a novela *Escrava Isaura*. Indo ao ar pela primeira vez, no dia 11 de outubro de 1976 e tendo seu último capítulo exibido em cinco de fevereiro de 1977. A telenovela era

emitida diariamente ao horário das 18h00min, na Rede Globo de Televisão e tinha como diretor geral Herval Rossano.

Contendo cerca de cem capítulos, a novela foi representada várias vezes na televisão brasileira e posteriormente foi traduzida e revendida a inúmeros países. Sendo considerado um dos mais importantes, produto cultural brasileiro e com um longo alcance.¹³

2 O ENREDO DA NOVELA

A trama central é uma trama de amor que ocorre entre uma mulher escrava e um homem branco livre. Onde a novela apresenta a tríade comum aos romances televisivos populares românticos que contém o vilão, a mocinha e o herói.

A história se passa no período do segundo reinado em plena escravatura. Em uma fazenda no interior do Rio de Janeiro vive uma escrava branca chamada Isaura, cuja cor é explicada ao fato dela ser uma mulata, filha de uma mucama negra e de um feitor branco.

O pai de Isaura é um feitor, que ainda jovem se envolve com a escrava preferida do seu patrão. Este após descobrir o envolvimento de ambos decide despedir o feitor, e após aplicar intensas obrigações à escrava durante a gravidez, à mesma vem a falecer. Órfã desde o nascimento, a escrava desconhece quem é seu pai.

Isaura foi então criada por sua senhora Dona Ester, que muito caridosa e bondosa a ampara, tratando e educando a escrava como uma filha. Isaura é sempre dócil e submissa e mesmo com as “regalias” de escrava ela sonha com a liberdade.

Após a morte de sua senhora a posse de Isaura é repassada a Leôncio (o filho dos senhores de Isaura), e a partir daí a vida da escrava é transformada em um verdadeiro suplício.

¹³ A novela foi representada em mais de 100 países, e é considerada a novela que mais viajou pelo mundo.

A beleza da escrava é impressionante e encanta todos ao seu redor, inclusive o seu jovem senhor.

Leôncio deseja possuir Isaura e ele utiliza de todas as formas para tê-la, não hesitando de levá-la para o tronco ou de deixá-la na senzala, revertendo e destruindo as regalias a ela oferecidas. No entanto Isaura aparece sempre resignada e suporta passivamente o seu destino.

Com a ajuda do seu pai que a encontra, ela consegue fugir mudando seu nome para Elvira. Assim conhece Álvaro um jovem rico e abolicionista que não resiste aos encantos da escrava.

Leôncio a procura desesperadamente e por meio de um capataz (interessado em recompensa) consegue finalmente capturar a escrava. Rejeitado por Isaura, pois esta se encontra apaixonada por Álvaro, Leôncio então resolve casar a escrava com o velho jardineiro da fazenda.

Com a falência de Leôncio, Álvaro compra a dívida dos seus credores, tornando-se proprietário de todos os seus bens, inclusive de seus escravos. No dia do casamento de Isaura, antes que se celebrasse a cerimônia, Álvaro aparece e reclama seus direitos a Leôncio. Vendo-se derrotado e na miséria, Leôncio comete suicídio. A novela¹⁴ tem um final feliz onde os culpados são punidos e os mocinhos são felizes para sempre.

3 A PERSONAGEM ESCRAVA ISAURA

Ao analisarmos a Telenovela Escrava Isaura se faz mister apresentar algumas indagações, a respeito de sua principal personagem. Primeiramente é válido lembrar que a

¹⁴ O fato das novelas terem sempre um final feliz está relacionado à expectativa nela depositada. A ânsia pela felicidade plena, pelo conto de fadas e pelo fantástico é atribuída aos telespectadores que vêem na ficção a possibilidade de sonhos realizarem por completo.

Escrava Isaura é Branca e detém de características fidalgas e burguesas. Criada por sua senhora a Escrava é representada sempre muito educada, bem vestida, com boa linguagem, alfabetizada e com qualidades ímpares¹⁵ dignas de verdadeiras sinhazinhas. É alva, pura, virginal! E sabe reconhecer o seu “devido lugar”.

Representada por Lucélia Santos, a jovem escrava não apresenta características físicas comum as demais escravas. É interessante observar que a protagonista da novela é escrava mais não é representada com os atributos reais de uma. E segundo Flávio Kothe:

Fazer do negro uma figura central, protagonista da história, custou-lhe o preço de não poder ser negro, e sim mulato bem claro, para ser logo convertido em um branco no espírito e, tanto quanto possível, no físico. O negro só era bom se soubesse o seu lugar ou se fosse como o branco (de preferência, fosse branco). São racistas até mesmo autores que o defendem ou fazem de conta que o defendem. (...) O preconceito contra o preto se mostra até na boa vontade de aceitá-lo à medida que embranquece-Faz-se de conta que se está dando voz ao negro, mas ele não pode dizer o que pensa e o que sente: são-lhe atribuídas palavras alheias. Os pressupostos, os argumentos e as conseqüências são enganosos. A declamação indignada não leva a uma ação organizada contra os opressores. É preciso abolir a literatura abolicionista. (Apud CASTRO, 2006: s/p)

Desta forma ocorre um branqueamento da protagonista, que através da suas características encontra muitas vezes mais próxima da sociedade branca e elitizada do que de seus irmãos na senzala. E uma personagem assim merece alcançar a liberdade, tornando-se injusto à escravidão. À cor da escrava é um dos fatores primordiais da novela¹⁶ estando seus valores como indivíduo, intimamente ligado a cor da pele. Segundo Emília Viotti Costa:

A negação do preconceito, a crença no “processo de branqueamento”, a identificação do mulato como uma categoria especial, a aceitação de indivíduos negros entre as camadas da elite branca tornaram mais difícil para os negros desenvolver um senso de identidade como um grupo. Por outro lado, criaram oportunidades para alguns *indivíduos* negros ou mulatos ascenderem na escala social. Embora socialmente móveis, os negros tinham entretanto que pagar um preço por sua mobilidade : tinham que adotar a percepção que os brancos possuíam

¹⁵ Isaura em vários momentos da novela toca piano, sendo este um dos dotes reservados a apenas filhas de grandes senhores.

¹⁶ Discutirei este assunto mais detalhadamente no próximo tópico.

do problema racial e dos próprios negros. Tinham que fingir que eram brancos. Eram negros “especiais”, “negros de alma branca.” (1999 : 257)

Isaura desta forma compartilha como os brancos o mito da democracia racial. E serve de testemunho da “realidade” do mito, pois evidencia a possibilidade de mobilidade social desfrutadas por alguns “negros esbranquiçados”. No Brasil, atribuíram a este processo de branqueamento na década de 1930, algo esperançoso. Pois o mito ajudaria a superar os problemas raciais, através da miscigenação. A autora ainda evidencia que este processo é diferente dos Estados Unidos, pois:

Em vez de um preconceito de origem (qualquer quantidade de sangue negro fazia um homem negro), os brasileiros tinham um preconceito de cor (uma pessoa é branca ou negra dependendo de sua aparência). (1999: 253)

Isaura na telenovela é considerada uma mulher branca, que foi “castigada” pela hereditariedade, levando-a a escravidão. Devido à cor branca de sua pele, nada mais justo do que a escrava residir com seus senhores, viver conforme os brancos e ainda receber a liberdade.

Permanecem também embutidas características machistas e românticas do século XIX. A mulher apresenta-se sempre como doce e submissa as vontades de seus senhores, indo tal fato ainda mais longe. Pois afirma além de um posicionamento machista a concepção da acomodação dos escravos em meio ao sistema. Gorender (1990) afirma que com a distorção dos conceitos de acomodação e pacificação (discutidos no primeiro capítulo), a doçura e ternura da escrava não retratam a realidade.

O fato de Isaura ser criada pela sua senhora não está ligado à doçura ou a generosidade de seus senhores. Pelo contrário, representa a dura realidade do sistema, que proporcionava a inúmeros escravos a destruição dos laços familiares. Devido às atrocidades

cometidas pelo marido da Dona Ester é que Isaura fica órfã tendo então que sua senhora, comovida pela maldade de seu esposo apenas recompensar ou apagar as barbaridades cometidas a uma criança, a um pai e, a uma escrava.

A respeito deste assunto vou procurar descrever, com a maior fidelidade de detalhes, um diálogo que começa com a mucama Januária e Isaura. Onde Isaura questiona sobre o passado de seus pais, e posteriormente o porquê dela ser uma órfã:

Cena 1¹⁷ (Capítulo 7):

Januária: Eu vou contá minha fia, mais eu tenho medo de fazer você sofrê!

Isaura: Tem sofrimento maior do que o de desconhecer a sua própria origem?Eu quero saber quem foram os meus pais!Eu quero saber por que sempre madrinha me protegeu tanto!

Januária: Por que ela fez um juramento.

Isaura: Um juramento??

Januária: Foi!Ela jurou para sua mãe... quando ela morreu...

Isaura: Quer dizer que você conheceu minha mãe?

Januária: Conheci e agora... eu acho mio contá tudo pro cê!Por que eu tenho medo que a história se arrepete tudinho!

Isaura: Que história Januária?O que foi que aconteceu com minha mãe?

Januária: Ele era uma peste, o diabo em figura de gente...

Isaura: Quem o meu pai?

Januária: Não minha fia!O seu pai era um homem muito baum!

Isaura: De quem é que você ta falando?

Januária: Eu tou falando do comendador. Agora mermo depois de veíó, ele não é flor que se chera, quando ele era moço minha fia ele era o diabo em figura de gente... e o fi é iguarzin a ele.Escreva o que eu tou dizendo Isaura ,o fi é iguarzin a ele ...eu nem sei inté como os dois vive brigando um é igual o outro!

Isaura: O comendador maltratou minha mãe?Quem era ela?Ela era escrava aqui no engenho num era?

Januária: Chamava Juliana a sua mãe!Era uma mestiça muito bonita, muito clara, quase branca... de vez enquanto você vê uma escrava assim minha fia!!Era mucama da dona Ester, e as duas se davam muito bem!Juliana era uma mulher alegre, feliz, vivia rino... pro comendador qualquer escrava bonita era motivo pra ele desarespeitar a coitada da dona Ester.Vivia cobiçando sua mãe,era muito bruto com ela...ocê sabe como é esses homi quando tá nessa situação assim né minha fia?!Mais a Juliana era uma muié digna, num cedeu às ameaças dele!!O comendador parecia o diabo... Dona Ester acabou descobrindo e não foi a primeira vez que ela descobriu uma coisa assim coitada! Casá cum um homi desse... Ele nem se importo, continuo insisti, mais a sua mãe num cedeu nunca!A mardade daquele homi não tinha fim. Mandou sua mãe pro tronco... Juliana sofreu o que ninguém sofreu nessa vida!Dona Ester não podia fazer nada... O comendador mando sua mãe pra trabaiá na roça e disse pro feitor num porpa ela de trabaió

¹⁷ Esta cena encontra-se disponível no DVD número 3 da Telenovela *Escrava Isaura*, sendo este um compacto da novela contendo 10 DVDs.

pesado... nem trabalho, nem castigo! Mas o feitor era um homi muito baum e invés do castigo e surra, começou a dá carinho pra Juliana sem o comendador descunfiá! Aintão ele se apaixonou mermo por ela! O diabo do veío não perdoou o feitor quando descobriu tudo... expursou ele da fazenda! A sua mãe tava muito fraca, morreu no parto coitada... e nem chegou a te vê... ah coisinha mais linda que já nasceu! Então a dona Ester sabendo de tudo... mermo contrariando o danado do marido, resolveu proteger ocê.. desde o dia do seu nascimento!

Esta fala de Januária apresenta o comportamento tradicional do estereótipo de beleza da época, reforçando o preconceito e demonstrando a existência do branqueamento de algumas escravas dentro da novela. Este branqueamento defendido neutraliza a ferocidade da escravidão e possibilita as escravas uma beleza incomum: “Era uma mestiça muito bonita, muito clara, quase branca.”

Estar próximo do branco é estar mais próximo do belo! E tal atributo segundo a escrava é algo raro: “de vez enquanto você vê uma escrava assim minha fia”. Ser quase branca é um privilégio para Isaura. Tal discurso assinala também a idéia de que a construção de famílias escravas era quase que impossível. Onde a normalidade, segundo Gorender, não era uma vida conjugal e familiar tratava-se desta, porém uma exceção entre os escravos. Sendo a escravidão predominantemente adversa ao consórcio familiar. E ele ainda adverte:

Por motivo dos abusos sexuais dos homens livres, dos castigos, e de toda sorte de humilhações e de ameaça de venda dos cônjuges ou dos filhos, provocando separações forçadas irreparáveis. (1990, p 47)

Enfocado bastante na personalidade de Isaura é a sua passividade e acomodação perante o seu senhor. Sendo sempre uma boa escrava, obediente, educada... Bem mandada!

Mas ainda segundo Gorender, o que ocorre não é a inexistência do conflito (como o que é demonstrado na telenovela) do escravo ante seu senhor. A coexistência pacífica só foi possível devido à utilização constante da violência. Gorender a respeito disso ironiza:

Logo, o escravo não é coisa, mas ser humano levemente limitado por um estatuto social inferior. Tem espaço para se manifestar como

agente do ambiente em que convive com os senhores. Não havia razão para muita queixa do destino que lhe coube. Admirável mundo velho (1990:21)

Essa visão ideológica no romantismo heróico ou na passividade conformada não é algo real. Os escravos não são passivos ou conformados ao sistema, mas são ameaçados constantemente pelos seus senhores. A eles a escolha: ou obedecem ou são surrados. Até mesmos escravos que recebiam “bons tratamentos” como o que nos é demonstrado ao longo da novela (com Isaura a escrava branca), se não obedecem a seu senhor pode ir para o tronco. O sistema só se sancionou através da violência.

Também não é novidade os constantes assédios de senhores por suas escravas. Daí surge o maior atributo de Isaura representada na novela: ela consegue resistir a todas investidas de Leôncio. Retratando este constante assédio vivido pelas negras escravizadas. É o que apresento na seguinte cena:

Cena 2 ¹⁸ (Capítulo 8)

Isaura: O senhor me assustou!
Leôncio: Já é alguma coisa!
Isaura: A madrinha está esperando este chalé que eu vou apanhar!
Leôncio: Você tem medo de mim não tem?
Isaura: Com licença!
Leôncio: Respondaaaa!
Leôncio: Tem medo ou não tem?
Isaura: O senhor sabe que tenho!E faz tudo para que eu continue a ter!
Leôncio: Naturalmente eu faço questão absoluta que você tenha algum sentimento em relação a mim!
Isaura: Medo é um sentimento?
Leôncio: Medo?O medo é o sentimento mais profundo que o ser humano possa experimentar Isaura!Eu vim me despedir...
Isaura: Sim senhor!Até breve!
Leôncio: Até muito breve Isaura!Por que nós tornaremos a nos encontrar... Não deixe de pensar em mim!Hum!

Este é um discurso coerente, que manifesta uma concepção quanto aos abusos sexuais enfrentados por muitas escravas. Eram obrigadas a deitar-se com seus senhores, sendo muitas vezes estupradas, humilhadas e vivendo em constante temor. Contudo não podemos

¹⁸ Disponível no DVD número 2

negar que muitas negras deitavam-se com seus senhores em busca de sua liberdade ou até mesmo pela liberdade de seus filhos. Sendo esta talvez, a única chance em toda sua vida de melhorar a sua condição de vida.

Gilberto Freyre (1990) em *Casa Grande & Senzala*, enfatiza a atração erótica da mulata para o homem branco. Às escravas pardas eram destinadas as obrigações de oferecer prazer aos seus senhores. Onde muitos destes só conseguiam se realizar por meio das mulatas. Às mulatas eram muitas vezes as amantes, que ofereciam o prazer e levavam seus senhores à concupiscência. Sendo destinadas às mulheres brancas apenas os papéis de esposas e mães de seus filhos.

Esse discurso encontra-se impregnado também de uma beleza exacerbada de Isaura. Ao longo da novela podemos analisar uma sensualidade tão grande da parte da escrava, que nenhum homem resiste a ela. Colocando em dúvida até mesmo a real cor de Isaura. Seria a escrava branca ou tratava-se de uma mulata?

Representada por uma atriz branca, Isaura apresenta atributos de sensualidades super exaltadas como os atribuídos às mulatas. Sendo símbolo sexual, ela se comporta como uma mulatinha¹⁹.

Exemplificando o mito das mulheres quentes, o poder de atração de Isaura é incontrolável. Traduzindo o desejo sexual de todos os homens à sua volta, sendo isto não algo que ela buscasse, pois tamanha beleza e sensualidade ao longo da trama ao invés de ajudá-la tornam-se algo que atrapalha as suas relações pessoais.

¹⁹ Alex Castro em seu artigo retrata que ser mulata é ser símbolo sensual, e ser sensual é ser uma mulher fácil. Portanto uma perversa mulata é aquela cujos comportamentos sexuais, não são decentes e nem são aqueles permitidos dentro de uma sociedade extremamente tradicional.

Mas tal fator é algo inato, próprio dela. O que segundo Gorender parte do princípio de adotar o mito das mulheres quentes. Estes são atribuídos ainda hoje ²⁰ às negras e mulatas pela tradição oral. Decorrente do papel que lhes era designado: dar prazer aos seus senhores.

Esse conflitante duelo da cor de Isaura é superado pela representação de uma sociedade mais tradicional. A sensualidade dela é ressaltada, mas fica embutida, pela exaltação da sua castidade e pureza. Portanto ela é atraente, mas a escrava tem modos como o de uma branca “decente”.

Afirmando mais uma vez aquele antigo ditado popular: “Branca para casar, mulata para ficar e negra para trabalhar”. No caso de Isaura o casamento ocorre no final da novela de forma bastante tradicional, sucumbindo a sua mulatice e disponibilidade sexual, tratando apenas de uma mulher branca, casta e diga de passagem quase livre.

Ainda, sobre o temor das escravas, descrevo a seguinte cena na qual Isaura conversa com Januária a respeito de Leôncio:

Cena 3²¹ (Capítulo 15)

Isaura: Eu tenho medo do senhor Leôncio!

Januária: Mas você pode se defender minha fia! Se alguma coisa de mal te acontecer conta pra dona Ester, ela não deixa te acontecer nada não fia!

Isaura: Eu não teria coragem de dar a menor contrariedade à madrinha!

Desse modo, Isaura por respeito a sua senhora, nega qualquer tipo de atitude que possa chatear a mãe de Leôncio. Sendo tamanho o extremo que coloca em primeiro lugar a saúde e o cuidado de sua madrinha, e por seguinte a sua vida. Exaltando mais uma vez a passividade de Isaura dentro de um sistema, estando ela realmente submissa a todas as vontades de seus senhores.

²⁰ E que deve ser combatido por meio das professoras para perpassar conteúdos esclarecedores a seus alunos.

²¹ Disponível no DVD número 4

Esse constante discurso de uma boa mulher da sociedade contrapõe inclusive o discurso da escravatura. Pois Isaura ao longo de toda sua trama resiste a todos os vilões com atitudes pacíficas e generosas, tendo como prêmio a sua liberdade. Retirando o papel do escravo como ser ativo no processo de libertação do mesmo.

4 UMA BREVE ANÁLISE DA TELENOVELA

A *Escrava Isaura* é uma telenovela histórica escravocrata e parte do princípio de condenar a escravidão. Sendo representada em um período de plena ditadura militar no Brasil, a novela foi uma das pioneiras a retratar o negro histórico a partir da teledramaturgia. Danúbia Andrade em um artigo retratando trajetória das personagens negras no Brasil, explica que:

Alijada a possibilidade de escalar atores brancos para interpretar personagens negras, coube às telenovelas histórico-escravocratas contabilizar o maior número de atores negros ao longo da trajetória da telenovela brasileira. Curiosamente, também foram essas as recordistas de venda no mercado internacional (MARQUES DE MELO, 1988). Vale destacar que a emergência do tema abolicionista deu-se na década de 1970, coincidindo, assim, com o crepúsculo da ditadura militar e com as primeiras manifestações de sindicatos e de estudantes contra prisões e assassinatos cometidos pelo regime. Nesse período, a Rede Globo, seguindo uma orientação estatal, valorizou as produções que transmitissem uma visão “bem comportada” e “de qualidade”. Constituiu-se, então, a “novela literária”, cujo formato melhor se enquadra aos horários das 18 ou 19 horas. A escolha foi por tramas que trouxessem embutida a idéia de uma recuperação do passado, das raízes e da tradição e que, dessa maneira, resgatassem valores que constituíssem um senso de “brasilidade” (2008: 3)

Em um período onde as verdades históricas não podem ser retratadas devido às constantes censuras²² e os predomínios dos costumes tradicionais são quase que impostos à sociedade, nada mais natural representar a *Escrava Isaura* de maneira romantizada.

Danúbia Andrade ainda retrata que a escolha por Bernardo Guimarães representar a *Escrava Isaura* na literatura, como branca é algo questionável, mas extremamente explicável

²² Em certo momento da novela o autor foi censurado tendo inclusive que deixar de utiliza à palavra escravo, tendo que ser trocada por peça. Cf.: <http://memoriaglobo.globo.com>

devido ao século XIX onde o embate a cerca da abolição está principiado, mais os conflitos ainda não estavam superados. Explica:

A opção de Bernardo Guimarães por descrever 'Isaura' como branca corresponde a demandas da sociedade do século XIX, que não conseguiria associar uma mulata à inocência e à pureza necessárias à personagem, já que a mulata vinculava-se ao estigma da sedutora, lasciva e amoral. No entanto, em pleno século XX, a opção por uma atriz branca reflete a continuidade dos preconceitos e a falta de ousadia dos produtores e diretores de então. A mesma crítica pode ser feita em relação à escolha da atriz Bianca Rinald para ser a protagonista da Rede Record, em 2004. (2008:4)

E ela ainda retrata que:

Não se trata apenas de contestar a construção da personagem 'Isaura' com base na "cor" das atrizes que a interpretaram. O discurso da personagem, na defesa do fim da Escravidão reflete o tom humanitário e levemente distanciada que a faz assemelhar-se aos abolicionistas brancos, a uma verdadeira "sinhazinha", e não aos negros conscientes de sua luta. (2008: 4)

Desta forma a novela não apresenta com um enredo crítico, pois a história de Isaura não ameaça ninguém, nem seus senhores, e nem os governos tanto do século XIX²³ como os governos ditatoriais de 1976.

Sua beleza estonteante arraigada a sua boa educação não denunciava a sua condição de escrava. O grande drama de Isaura não é conseguir derrubar as estruturas que lhe escravizam, mas apenas conseguir viver ao lado de seu amor. A liberdade de Isaura não ocorre através da luta da própria personagem, mas por meio do seu par romântico. Detém-se sumariamente a poucos capítulos ou cenas relacionados ao sofrimento provocado pelo regime escravocrata, estando à libertação dos escravos, nas mãos de alguns jovens que compartilham das idéias abolicionistas como Álvaro²⁴.

²³ Vale lembrar que o romance surgiu no século XIX e foi um dos grandes sucessos editoriais da época.

²⁴ Um jovem rico, estudante e abolicionista que ao conhecer Isaura após sua fuga, não consegue resistir aos seus encantos. E busca de todas as maneiras a liberdade da mesma jovem amada. Sendo este o par romântico de Isaura.

Deve-se atentar também ao fato do romance possuir como par romântico um casal branco. A escrava não apaixonou por um escravo ou por um negro, mas por um homem branco, rico e loiro. Essa forma extremamente romântica pela qual a novela perpassa caracteriza a história como algo muito distante, muito lendária. E perde a oportunidade de reproduz realidades históricas, para desta forma, contribuir com uma perspectiva mais crítica a respeito da escravidão moderna.

Inevitável, porém se faz à crítica a teledramaturgia brasileira e mais precisamente à novela *Escrava Isaura* que tem representado apenas a versão oficial dos homens brancos e da grande elite, e principalmente à versão de que por meio dos homens brancos é que foi possível à luta pela abolição dos negros.

Gorender (1990), em um desabafo a comemoração dos “Cem anos sem Abolição” no Brasil, declara que durante um percurso do movimento negro às ruas de Salvador, a massa gritava: “A princesa Isabel não libertou, o negro foi quem lutou”²⁵.

Essa transferência dos papéis ao longo da história tem sido transmitida tanto por meio televisivos, literários e até mesmo educacionais. A história já tem nos revelado violências sexuais e sociais atroz, praticada tanto por senhores quanto pelos filhos de senhores e até mesmo de feitores contra os escravos. Mas a essa idéia de que a História do Brasil foi feita exclusivamente de brancos e heróis devem ser combatida, para que desta forma o uso real e verdadeiro da história possa ser contribuir para a constituição da identidade nacional.

²⁵ Gorender, 1990, p.8.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade onde o silêncio e os preconceitos vivenciados, encontram-se embutidos e omitidos na História do Brasil, é necessário que busquemos o conhecimento como forma de aprimoramento do ensino de História nas escolas de nosso país. Acreditando que para romper com os preconceitos é necessário antes de tudo que se faça uma releitura da construção desta mesma História.

É o que propomos ao longo do nosso trabalho, estudar de que forma, a História se perpetuou ao longo dos anos nos meios televisivos do Brasil. Apossando de contextos históricos, as telenovelas têm utilizado como fonte, a História. É o que ocorreu na Telenovela *Escrava Isaura*. Se passando em um período escravocrata, a telenovela apresentou uma das maiores vendagens novelísticas no mundo. Entretanto se fez necessário estudá-la para compreendermos como se deu este processo de transposição histórica para a televisão.

Para ser compreendida por um alto número de telespectadores, a televisão busca muitas vezes simplificar as imagens, chegando a banalizá-las e estereotipá-las. Isso empobrece a realidade e reforça uma visão de mundo limitada e medíocre. Daí a importância do aparelho televisivo enquanto objeto de educação, pois quando não conhecida, estudada e criticada intervirá na formação das pessoas de forma acrítica. Pessoas vão absorvendo seus conteúdos, concordando com eles e, até mesmo, reforçando-os.

Essa característica da televisão pode proporcionar deturpações históricas, e ocasionar consolidações de mitos e lendas contradizendo com a verdadeira história. Representar em uma novela um período escravocrata é sem dúvidas, uma oportunidade de mostrar a sociedade à triste realidade vivida por um povo escravizado.

Contudo cabe ressaltar que a representação da escravidão no Brasil não deve ser feita de forma passiva e apaziguadora (como demonstrada na *Escrava Isaura*), mas conflitante.

Sabemos que aos negros foram dados os papéis sempre inferiorizados nas telenovelas, como motoristas e empregadas domésticas desvalorizando-os. E em uma novela escravocrata, dar o papel protagonista de uma escrava a uma mulher branca é no mínimo contraditório.

À escrava branca foi proporcionado os bons modos, a beleza e a decência. Traçando-a sempre com um fim moralizador de uma mulher ideal. A partir desse personagem os problemas de toda uma comunidade seriam solucionados. Pois além da sua liberdade ser “comprada” ou “doada” pelo seu herói ela oferece a todos os negros da fazenda, a liberdade almejada. O final é feliz, todos são libertos pelos seus senhores brancos, como forma de caridade, bondade.

A novela *Escrava Isaura*, retira da História o papel mobilizador e contestador dos negros. O papel de luta histórica, e busca pela liberdade. O tão enraizado mito da democracia racial tem feito da história dos escravos no Brasil, uma História em que os negros são escravos, porém estes tiveram um tratamento todo humanitário.

A violência na escravidão do Brasil foi algo real, e se “vale a pena ver de novo” as escravas de luxo, também devemos lembrar os escravos que os sustentavam, como sustentavam seus senhores.

Essa característica de exaltar sempre os heróis brancos e elitizados deve ser combatida. A História deve ser ensinada atentando-se para os demais grupos, como negros, indígenas, mulheres...

Utilizar dos meios de comunicações é um fator positivo para o aprendizado de História, mas devemos nos atentar para forma que isto tem sido representada. A História mais a novela são atributos que podem contribuir para a formação e o ensino no Brasil. Entretanto, segundo Rama: “Seu papel no ensino não poderá ser medido, pelas pretensões da novela romântica de que demos conta, mas sim pelo critério rigoroso do professor que deverá

discriminar as obras úteis para este fim, e ainda, acentuar nelas as falhas e erros científicos que por acaso existiam, previamente à sua leitura” (Rama, 1962, p.18).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Lúcia Helena Rincón. **Imagens de mulher e trabalho na telenovela brasileira (1999-2001): a força da educação informal e a formação de professores/as**. São Paulo: Anita Garibaldi: Goiânia, GO: ED. Da Universidade Católica de Goiás, 2005.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Telenovela, consumo e gênero: "muitas mais coisas"**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ANDRADE, Danubia. **Da Senzala à Cozinha: Trajetória das personagens negras na telenovela brasileira**. Anais do I Encontro dos Programas de Pós-graduação em Comunicação de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/ecomig/wpcontent/uploads/2009/08/ANDRADE_Danubia_Texto.pdf> Acessado em 20/10/2009 às 17h22min.

CASTRO, Alex. **A Escrava Isaura e a Ausência Ornamentada da Escravidão na Literatura Brasileira**, 2006. Disponível em: <<http://www.sobresites.com/alexcastro/artigos/isaura.htm>> Acessado em: 23/11/2009 às 19:30.

COSTA, Emília Viotti da. O mito da democracia racial. In: _____. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

FAERMAN, Marcos. **O mulherego Gilberto Freyre**. Status. São Paulo, p. 26-34, set.1985. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/vida/entrevistas/mulherego.html>> Acessado em 15/10/2009 às 22:10.

FREYRE, Gilberto de Melo, **Casa-Grande & senzala**. 12ª edição brasileira, 13ª edição em língua portuguesa. [Brasília] Editora Universidade de Brasília, 1963.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. 5. Ed. Revista e ampliada. São Paulo: Ática, 1988.

GORENDER, Jacob. **A Escravidão Reabilitada**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

HAMBURGER, Esther. "Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano". In: Lilian Schwarcz Moritz (org.) **História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 4.

MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. 7. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-224258,00.htm>>. Acesso em 01 de dezembro de 2009.

PROENÇA, Manuel Calvalcanti. Disponível em <<http://fredb.sites.uol.com.br/eisaura.html>>. Acesso em: 30 de novembro de 2009.

PINSKY, Jaime. **A Escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

QUEIROZ FILHO, Teófilo de. **Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1975.

RAMA, Carlos M. **A História e a Novela**. Revista de História, São Paulo, ano XIM, vol. XXIX, n° 49, 1962. pp 155-187.

VIDEOTECA

100 Capítulos da Telenovela *Escrava Isaura*